

**A PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS DE
PAISAGEM:** intersecções fenomenológicas entre a Literatura e
a Geografia Humanista Cultural no âmbito do GEPLIT¹
INTERDISCIPLINARY RESEARCH IN LANDSCAPE STUDIES:
phenomenological intersections between Literature and Cultural
Humanist Geography within the scope of GEPLIT
**LA INVESTIGACIÓN INTERDISCIPLINAR EN ESTUDIOS DE
PAISAJE:** intersecciones fenomenológicas entre la Literatura y la
Geografía Humanista Cultural en el ámbito del GEPLIT

Rosângela Guedêlha da Silva

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade
da Universidade Federal do Maranhão.
rosgued29@gmail.com

Márcia Manir Miguel Feitosa

Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade.
Programa de Pós-Graduação em Letras –
Docente Titular da Universidade Federal do Maranhão.
marciamanir@hotmail.com

Claudia Letícia Gonçalves Moraes

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura
da Universidade de Brasília (UNB)
Professora Assistente da Universidade Federal do Maranhão,
Campus São Bernardo
claudiamoraes27@gmail.com

RESUMO

Este artigo objetiva refletir acerca da configuração teórica e prática da pesquisa interdisciplinar desenvolvida no âmbito do Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura (GEPLIT), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), uma vez que a interdisciplinaridade ainda se configura, quase sempre, um caminho rico e desafiador. Esses trabalhos voltam-se a obras literárias cujo espaço narrativo ficcional articula-se à subjetividade da experiência humana, compondo a paisagem existencial portadora de significados do que o ser humano vivencia e é enquanto ser-no-mundo. Essa é uma perspectiva fenomenológica de abordagem do espaço literário que aproxima a Literatura a áreas do conhecimento com as quais não tradicionalmente dialogava, como a Geografia Humanista Cultural. Na fundamentação, contou-se com as contribuições teóricas de Morin (2005), Santos (2010), Fazenda (1994, 2008), Tuan (2012; 2013), Dardel (2015), Relph (2014), Feitosa (2012; 2016), Marandola Jr; Gratão (2010), dentre outros. Esta é uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e de caráter analítico. Como resultados, pode-se evidenciar a viabilidade da abordagem interdisciplinar entre a arte literária e a ciência geográfica na vertente humanista e que tal prática amplia a perspectiva analítica de textos literários ao fomentar leituras a partir da constituição estética das obras em articulação às experiências humanas de espaço e lugar, o que representa um enriquecimento à formação acadêmica dos estudiosos e uma significativa contribuição para sua atuação como pesquisadores e como docentes.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Literatura. Geografia Humanista Cultural. Paisagem. GEPLIT.

¹ Este artigo articula-se aos estudos realizados para fundamentação teórica parcial da dissertação de mestrado “Horizontes do envelhecer: a geograficidade na obra *Prantos, amores e outros desvarios*, de Teolinda Gersão”, de autoria de Rosângela Guedêlha da Silva, sob orientação de Márcia Manir Miguel Feitosa, no Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, na Universidade Federal do Maranhão.

ABSTRACT

This paper aims to reflect on the theoretical and practical configuration of the interdisciplinary research developed within the Landscape Studies Group in Literature (GEPLIT), Federal University of Maranhão (UFMA), since interdisciplinarity is almost always a rich and challenging road. These works turn to literary works whose fictional narrative space articulates with the subjectivity of human experience, composing the existential landscape bearing meanings of what the human being experiences and is as being-in-the-world. This is a phenomenological perspective of approach to literary space that brings Literature closer to areas of knowledge with which it has not traditionally spoken, such as Cultural Humanist Geography. In the rationale, the theoretical contributions of Morin (2005), Santos (2010), Fazenda (1994, 2008), Tuan (2012; 2013), Dardel (2015), Relph (2014), Marandola Jr; Gratão (2010), among others. This is a qualitative, bibliographical and analytical research. As a result, the viability of the interdisciplinary approach between literary art and geographic science in the humanist field can be evidenced, and that such practice extends the analytical perspective of literary texts by fostering readings from the aesthetic constitution of works in articulation with the human experiences of space and place, which represents an enrichment to the academic formation of scholars and a significant contribution to their performance as researchers and as teachers.

Keywords: Interdisciplinarity. Literature. Cultural Humanist Geography. Landscape. GEPLIT.

RESUMEN

Este artículo objetiva reflexionar acerca de la configuración teórica y práctica de la investigación interdisciplinaria desarrollada en el marco del Grupo de Estudios de Paisaje en Literatura (GEPLIT), de la Universidad Federal de Maranhão (UFMA), ya que la interdisciplinaridad aún se configura, casi siempre, camino rico y desafiante. Estos trabajos se vuelven a obras literarias cuyo espacio narrativo ficcional se articula a la subjetividad de la experiencia humana, componiendo el paisaje existencial portadora de significados de lo que el ser humano vive y es en cuanto ser-en-mundo. Esta es una perspectiva fenomenológica de abordaje del espacio literario que aproxima la Literatura a áreas del conocimiento con las que no tradicionalmente dialogaba, como la Geografía Humanista Cultural. En la fundamentación, se contó con las contribuciones teóricas de Morin (2005), Santos (2010), Hacienda (1994, 2008), Tuan (2012, 2013), Dardel (2015), Relph (2014), Feitosa (2012; 2016), Marandola Jr; (En el caso de las mujeres). Esta es una investigación cualitativa, bibliográfica y de carácter analítico. Como resultados, se puede evidenciar la viabilidad del abordaje interdisciplinario entre el arte literario y la ciencia geográfica en la vertiente humanista y que tal práctica amplía la perspectiva analítica de textos literarios al fomentar lecturas a partir de la constitución estética de las obras en articulación a las experiencias humanas espacio y lugar, lo que representa un enriquecimiento a la formación académica de los estudiosos y una significativa contribución para su actuación como investigadores y como docentes.

Palabras clave: Interdisciplinariedad. La literatura. Geografía Humanista Cultural. Paisaje. GEPLIT.

1 INTRODUÇÃO

Estudos de Paisagem são análises do espaço literário quando, em algumas obras literárias, produzidas em uma proposta estética arrojada, mas de profunda sensibilidade, o lugar narrativo ficcional² configura-se como um elemento entrelaçado à subjetividade da experiência humana, sendo, assim, um lugar que compõe uma paisagem existencial portadora do significado do que o ser humano vivencia e é enquanto ser-no-mundo (ALVES; FEITOSA, 2010).

Essa abordagem do espaço do texto literário amplia possibilidades de diálogo com outras áreas do conhecimento, como a Geografia Humanista Cultural³.

A interdisciplinaridade com as artes, em especial com a literatura, tem sido um rico campo de estudos entre os geógrafos, da mesma forma que o aporte geográfico tem auxiliado a leitura de experiências humanas, expressas, implícita ou explicitamente, na poesia e nas tramas literárias. Tal proposta se articula às discussões e pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura (GEPLIT), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), cadastrado no CNPq.

² Essa configuração textual ocorre em textos literários em verso e prosa.

³ Denominação convencionalmente empregada nos estudos do GEPLIT/UFMA, a exemplo do que fazem muitos geógrafos, em referência ao emprego de aportes teóricos da Geografia Humanista e da Geografia Cultural em estudos interdisciplinares a respeito de temáticas comuns a essas duas vertentes da ciência geográfica.

No cerne da proposição deste artigo, encontra-se a prática da pesquisa interdisciplinar operacionalizada na realização dos estudos de paisagem pelos membros do GEPLIT e, tangencialmente, a formação acadêmica decorrente desses estudos, no que se refere à sua atuação como pesquisadores e como docentes.

Intencionando favorecer a compreensão da análise pretendida, o estudo inicia-se com a fundamentação teórica acerca da interdisciplinaridade e segue apresentando os estudos de paisagem, as aproximações interdisciplinares entre Literatura e Geografia sob o viés da fenomenologia e essa abordagem nas atividades realizadas no âmbito do GEPLIT.

Esta é uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa. (GIL, 1999) (CRESWELL, 2014). Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica para aprofundamento teórico e construção consistente do objeto de estudo: a pesquisa interdisciplinar desenvolvida pelo Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura. Considerando os procedimentos, os objetivos e as fontes de consulta utilizadas, trata-se de uma pesquisa bibliográfica realizada com base em livros e artigos científicos (GIL, 2002, p.41), assim como relatórios disponibilizados em bases de dados da Plataforma Lattes do CNPq e a base da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD).

2 A INTERDISCIPLINARIDADE NOS ESTUDOS DE PAISAGEM

A aproximação entre o literário e o geográfico dá-se por meio de um exercício dialógico (MORIN, 2005) possível a partir de rupturas na hegemonia da formalização do conhecimento objetivo e racional que predominou no mundo eurocêntrico até a primeira metade século XX. A contemporaneidade tem se mostrado um panorama favorável para o surgimento de teorias abertas, revisões epistemológicas e proposição de condutas científicas renovadas ou vanguardistas.

Segundo Edgar Morin (2005, p.138-140), a pesquisa no século XXI é um convite para a superação de visões reducionistas simplistas e adentrar ao pensamento complexo, que não significa complicado, mas sim que pressupõe intercâmbio das interfaces de um objeto de estudo, pois “a simplificação (redução/separação) é insuficiente e mutilante. É preciso um paradigma de complexidade que, ao mesmo tempo, separe e associe, que conceba os níveis de emergência da realidade sem os reduzir às unidades elementares e às leis gerais”.

Para o estudioso, a concretização desse diálogo exige um exercício reflexivo epistemológico a fim de assegurar que o objeto central do estudo seja analisado por um prisma em que confluem as lentes das áreas envolvidas, e não apenas que elas estejam justapostas:

Precisamos, portanto, para promover uma nova transdisciplinaridade, de um paradigma que, decerto, permite distinguir, separar, opor, e, portanto, dividir relativamente esses domínios científicos, mas que possa fazê-los se comunicarem sem operar a redução (MORIN, 2005, p. 230).

Segundo Martins (1992 *apud* BICUDO, 2008, p.148), a *transdisciplinaridade* pensada por Morin refere-se a “um recriar interminável, que avança nas direções indicadas pelas possibilidades do ser, em uma dialética contínua, que se dá no encontro homem-mundo, jamais aprisionada em uma síntese conclusiva”. Trata-se de uma expansão da *inter-* para uma *transdisciplinaridade*, cuja marca principal é o conhecimento sempre ser considerado inacabado e com a possibilidade de se *transfazer*, de ser repensado, o que possibilita a expansão da pesquisa científica.

Como já dito, este artigo volta-se à reflexão acerca da pesquisa interdisciplinar operacionalizada na realização dos estudos de paisagem pelos membros do GEPLIT e, tangencialmente, aborda a formação acadêmica implicada nesse contexto. Essa proposta toma por base as atividades relacionadas às prática de pesquisa e ao perfil

dos membros do grupo que funciona como local de formação, uma extensão da sala de aula. Como observa Fazenda (2008, p.17-18),

Se definirmos interdisciplinaridade como junção de disciplinas, cabe pensar currículo apenas na formatação de sua grade. Porém se definirmos interdisciplinaridade como atitude de ousadia e busca frente ao conhecimento, cabe pensar aspectos que envolvem a cultura do lugar onde se formam professores. Assim, na medida em que ampliamos a análise do campo conceitual da interdisciplinaridade, surge a possibilidade de explicitação de seu espectro epistemológico e praxeológico.

Não cabem aqui nem a reconstrução do percurso histórico do termo “interdisciplinaridade”, nem a discussão dos contornos teóricos em torno desse e de outros termos relacionados, como trans-, multi- e pluridisciplinaridade. Entretanto, é fundamental que se definam bases conceituais que orientam esse estudo.

Uma dessas bases tem sido um ponto pacífico entre os teóricos, como explicitado por Fazenda (2008, p.21): “O conceito de interdisciplinaridade, como ensaiamos [...] desde 1979 e agora aprofundamos, encontra-se diretamente ligado ao de disciplina, onde a interpenetração ocorre sem a destruição básica às ciências conferidas”.

Como segundo aspecto basilar, pode-se apontar a caracterização das áreas em foco neste estudo quanto à interdisciplinaridade, com base no que observa Fourez (*apud* MIRANDA, 2008, p. 116) acerca das “disciplinas interdisciplinares”, como sendo aquelas “que estão bem estabelecidas, mas constituem contribuições padronizadas de diversas disciplinas”, uma vez que seu próprio paradigma implica uma abordagem pluridisciplinar, citando como exemplo a geografia. Notoriamente, esta predisposição à interdisciplinaridade também é encontrada na literatura que, como modalidade artística, ao ser analisada como objeto de estudo, mostra-se um campo de amplo espectro dialógico por conseguir aglutinar traços de outros domínios da existência humana.

O terceiro ponto é a clareza de que, ao se tratar de pesquisa interdisciplinar, está-se abordando uma prática histórica e culturalmente contextualizada. Tendo chegado ao Brasil importada da Europa nos anos de 1960 e daí seguido uma trajetória marcada por distorções práticas e discussões teóricas que se fundamentam com solidez, faz-se necessário pensar nas razões e anseios que justificam a pesquisa interdisciplinar na contemporaneidade, assim como na fundamentação que norteie essa prática.

Certamente as motivações dos estudiosos pela busca por pesquisas interdisciplinares perpassam pela adoção de uma concepção de mundo e do que se entende por conhecimento como sendo ambos objetos/fenômenos multifacetados que envolvem uma série de aspectos inapreensíveis em sua totalidade pela abordagem de uma única área ou ciência, sem que tal estudo tenha um alcance de análise e compreensão reduzidos ou, no mínimo, mais limitado do que a ação investigativa que reúna mais áreas. Segundo Trindade (2008, p.81), o contexto atual de pesquisa tem sido fortemente influenciado pela fenomenologia, visando incluir a subjetividade no plano metodológico, cuja proposição em si é muito significativa por sinalizar a clareza das intenções de desconstrução das barreiras e reconstrução de parcerias:

A aproximação fenomenológica da interdisciplinaridade mostra a crença na intencionalidade, na necessidade do autoconhecimento, na intersubjetividade e no diálogo, centrando-se no saber entendido como a descoberta do apoio para o estudo dos objetos inteligíveis e a necessidade de atitudes reflexivas sobre a sua ação: saber, fazer e sentir [...] A revisão contemporânea do conceito de ciência nos direciona para a exigência de uma nova consciência, que não se apoia somente na objetividade, mas que assume a subjetividade em todas as suas contradições. Vários grupos de pesquisa no mundo todo vêm discutindo e anunciando a superação das limitações impostas pelo conhecimento fragmentado e compartimentado, proveniente inclusive das especializações, por meio da interdisciplinaridade, cuja proposição

permite reconhecer não só o diálogo entre as disciplinas, mas também, e, sobretudo, a conscientização sobre o sentido da presença do homem no mundo

Neste início do século XXI, o interdisciplinar ainda se configura em um caminho em (re)construção, com inconsistências ou inseguranças que são desafiadas epistemo e metodologicamente os pesquisadores a compreenderem o como e o porquê de suas práticas de pesquisa. Na ânsia por uma compreensão mais consolidada, Miranda (2008) analisou os discursos dos teóricos citados de forma mais recorrente no tocante à interdisciplinaridade, tendo concluído que interdisciplinaridade é um termo polissêmico quanto à conceituação e à prática, apesar dos esforços de teóricos em estabelecer contornos e limites epistemológicos.

Dos conceitos levantados pela estudiosa, destaca-se como o mais comumente adotado o que fora organizado por Zabala (2002, p.33), que concebe interdisciplinaridade como “a interação entre duas ou mais disciplinas, que podem implicar transferência de leis de uma disciplina a outra, originando, em alguns casos, um novo corpo disciplinar, como, por exemplo, a bioquímica ou a psicolinguística”.

Essa definição articula-se à concepção que norteia as ações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) quanto ao reconhecimento e incentivo da interdisciplinaridade em ações de fomento a eventos, licenciaturas e programas de pós-graduação e, ainda, na avaliação desses cursos:

A interdisciplinaridade pressupõe uma forma de produção do conhecimento que implica trocas teóricas e metodológicas, geração de novos conceitos e metodologias e graus crescentes de intersubjetividade, visando a atender a natureza múltipla de fenômenos complexos. Entende-se por Interdisciplinaridade a convergência de duas ou mais áreas do conhecimento, não pertencentes à mesma classe, que contribua para o avanço das fronteiras da ciência e tecnologia, transfira métodos de uma área para outra, gerando novos conhecimentos ou disciplinas e faça surgir um novo profissional com um perfil distinto dos existentes, com formação básica sólida e integradora. (BRASIL, 2017, p.2).

Essa visão da interdisciplinaridade vem sendo gestada por teóricos de vários países desde os anos de 1990, em discussões que visam à organização de uma teoria da interdisciplinaridade responsável pela difusão da ideia de busca pelo equilíbrio entre a amplitude (larga base de conhecimento e informação), a profundidade (requisito disciplinar/profissional) e a síntese (processo integrador) (FAZENDA, 1994).

Entretanto, o maior desafio ainda parece ser o passo fundamental: adentrar outros campos de conhecimento. Não se trata apenas de conhecer os pressupostos teóricos de outras áreas do conhecimento, mas identificar pontos de intersecção, ampliá-los e enriquecê-los a fim de terem consistência com vistas a um prisma de investigação que tenha a convergência de áreas distintas. Nesse sentido, Bicudo (2008, p.149) conclui que

As investigações realizadas na universidade ou em instituições de ensino, principalmente o superior, exigidas para um ensino de qualidade, devem observar as solicitações do mundo atual, não se limitando às verdades postas *a priori*, vistas como absolutas e únicas. [...] É preciso que pesquisadores amadurecidos se disponham a estar com os outros com paciência, perseguindo temas mais abrangentes e menos seguros que aqueles de sua área específica. É fundamental que se trabalhe, necessariamente, em grupo e que a região da intersubjetividade seja estabelecida.

Para isso, é fundamental que o pesquisador que se propõe a uma prática interdisciplinar prime por atitudes flexíveis, tendo consciência da imprecisão, da insegurança, mas também da ousadia e da humildade necessárias para percorrer as regiões fronteiriças flexíveis que o levarão ao encontro do “outro”, abrindo-se para a convivência e para as possibilidades de “interdependência, compartilhamento, encontro,

diálogo e transformações. Esse é movimento da interdisciplinaridade caracterizada por atitudes ante o conhecimento” (TRINDADE, 2008, p. 82).

3 LITERATURA E GEOGRAFIA: aproximações interdisciplinares sob o viés da fenomenologia

A literatura, em todos os seus gêneros, produz uma espécie de conhecimento que cientista nenhum produz. Não o conhecimento objetivo, colado tal qual uma descrição ou reprodução de um lugar, mas um conhecimento criativo, que estimula o pensamento e a imaginação. [...] Como arte e conhecimento, a literatura expressa a condição humana e sua existência (MARANDOLA JR. e GRATÃO, 2010).

Ainda que se reconheça que literatura e geografia sempre estiveram naturalmente ligadas em função do elemento “espaço”, o qual ambas abordam por distintos prismas, procedimentos e finalidades, a aproximação entre essas áreas, embora ainda vista com certa desconfiança por parte da comunidade acadêmica na atualidade, era impensável, no âmbito científico, até a primeira metade do século XX. Somente a partir das propostas de incorporação do Humanismo à prática científica geográfica alguns geógrafos ultrapassaram as abordagens descritiva e quantitativa dos elementos físicos da paisagem terrestre em direção a campos de pesquisa ligados à subjetividade, uma vez que a proposta humanista focaliza

[...] o ser humano em todos os sentidos, seja por valorizar seus fenômenos sentimentais (nas artes), racionais (nas construções, na economia e na política) os psíquicos (nos sonhos, no imaginário e na imaginação), nas escalas individual (existência) e coletivo (cultura) (MARANDOLA, 2005, p.413).

A base filosófica desses estudos foi sendo revisada e reelaborada de forma que se consolidou pelo suporte da fenomenologia com nuances existencialistas. A orientação fenomenológica é tanto o método utilizado nessas pesquisas quanto serve de fundamentação às ideias de valorização do mundo vivido, da experiência, da intencionalidade, do autoconhecimento, do antropocentrismo, da interdisciplinaridade e das Humanidades, incluindo as artes (HOLZER, 2016).

Assim, “a valorização do lugar provém de sua concretude”, “alcançada pelos nossos sentidos e experiências, tanto mediante a imaginação quanto simbolicamente” (OLIVEIRA, 2014, p.12). As formas de organização espacial do homem, por serem dotadas de valor simbólico, são uma linguagem, uma escritura, um texto sobre o solo, uma “geo-grafia” que reflete propósitos e cultura individual e coletiva (BESSE, 2014).

O geógrafo francês Eric Dardel defende a superação dos moldes e preceitos positivistas pela geografia e que serviu de base para os estudos sobre lugar, paisagem e existência a partir da década de 60 do século XX até a atualidade. Ele propôs o estudo da experiência entre o homem e o meio, articulado à fenomenologia existencialista de Bachelard, Heidegger, entre outros (MARANDOLA, 2015). Para Dardel (2015, p.6), “entre o Homem e a Terra permanece e continua uma espécie de cumplicidade no ser”, elos afetivos que a ciência desconsidera, mas que o estudioso humanista valoriza por serem elementos dotados de significação.

O espaço geográfico com que trabalham a geografia e as ciências humanas é o lugar existencial onde o homem é compreendido em uma relação orgânica com a Terra (TUAN, 2012), ou seja, em uma “relação concreta (que) liga o homem à Terra, uma ‘geograficidade’ (*geographicité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino” (DARDEL, 2015, p.2).

Nesse contexto, a “Paisagem não é círculo fechado, mas um desdobramento (Idem, p.31-32), é uma organização espacial humana, não como uma justaposição de elementos físicos e culturais manifestos em sua exterioridade, mas o que está em torno do homem, um constructo cultural a partir da geograficidade.

Jean-Marc Besse, filósofo e pesquisador francês, considerando o pensamento de Dardel acerca de paisagem, esclarece:

É preciso insistir que a geografia, entendida fenomenologicamente, não está à procura de significações ocultas por “detrás” dos fenômenos terrestres, ela não é tampouco simples levantamentos de significações que o sujeito projeta sobre a Terra, mas é uma experiência de vida vivida pelo homem comum no encontro consigo mesmo, no contato com o mundo terrestre na orla, por assim dizer, das formas e dos símbolos que nascem, e este esboço de sentido ressoa em nós como um acontecimento, que é o da nossa presença do mundo (BESSE, 2014, p. 89).

Visando analisar a constituição das paisagens no texto literário, procurou-se um prisma em que convergem as concepções da Literatura e da Geografia Humanista Cultural. A convergência proposta não consiste em conceber a paisagem como uma justaposição de elementos físicos e culturais manifestos em sua exterioridade na literatura, pois, assim, o texto seria um pretexto para a observação da representação do acontecimento cultural. O desafio aqui posto é compreender a paisagem pela perspectiva da fenomenologia, tal como se dá no texto literário. Sujeito e objeto como inseparáveis, conforme explica Besse ao tratar de Geografia e Existência:

A paisagem é a geografia compreendida como o que está em torno do homem, como ambiente terrestre [...]. Paisagem não é designada como a imagem subjetiva de uma região (*contrée*) [...] A paisagem é a manifestação do movimento interno do mundo [...] de tal modo que, no fundo, compreender a paisagem é “ser-na-paisagem”, está “no ser”, é ser atravessado por ela, em uma “relação que afeta a carne e o sangue”. (BESSE, 2015, p.119)

Na paisagem, tem-se a “inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida”, como sintetiza Dardel (2015, p. 32). Esse é um dos caminhos de articulação entre o que a geografia propõe e o que a literatura constrói como paisagem a ser investigada.

O geógrafo Yi-Fu Tuan explica que a interdisciplinaridade da Geografia com as artes e outras disciplinas acadêmicas permite “aumentar o peso do conhecimento” (TUAN, 2013, p.247), além de romper com o reducionismo positivista de que tudo o que não pode ser transformado em dado quantificável deva ser ignorado.

No tocante à busca da literatura pela geografia, Feitosa (2016, p. 298) evidencia que o interesse dos geógrafos inicialmente recaía na prosa realista do século XIX, devido ao intenso descritivismo encontrado nessas obras, fazendo delas verdadeiros tratados geográficos, assim como Marandola Jr.; Oliveira (2009) destacam os aspectos da Geografia e da História encontrados nos romances regionalistas brasileiros do século XX. No entanto, Feitosa (2016, p. 298) destaca que, contemporaneamente, os estudos geográficos na literatura têm ultrapassado a busca pela identificação de informações ao adotarem uma “dimensão subversiva, em que seja possível identificar manifestações de resistência à hegemonia e matéria de ocupação e de práticas do espaço”.

Mesmo que os caminhos geográficos em direção à Literatura aconteçam por distintas inclinações, em linhas gerais, pela espacialidade (materialidade) ou pela geograficidade (imaterialidade)⁴, geógrafos adeptos dos estudos interdisciplinares com a literatura esclarecem que

Toda esta linguagem literária engloba a nossa linguagem geográfica, é campo que se estende à nossa frente à procura dos pontos de contato entre a paisagem e a arte; se fazendo necessários encontros entre literatos e geógrafos, pois são estes que têm o segredo de criar personagens e colocá-los em um cenário cotidiano, como

⁴ Uma apresentação detalhada acerca de pesquisas geográficas realizadas com foco na espacialidade e na geograficidade sendo estudadas em obras literárias encontra-se em Marandola Jr. e Oliveira (2009).

expressão da vida, penetrando e identificando múltiplas realidades (MARANDOLA JR.; OLIVEIRA, 2010, p.135)

O diálogo interdisciplinar que se busca estabelecer decorre do reconhecimento de contribuições mútuas em relação ao mesmo elemento: o espaço existencial localizado das experiências humanas, ou seja, o lugar das vivências ou o lugar vivido, onde habitam, trabalham, por onde circulam etc. Tal como explicam Feitosa, Moraes, Serra (2012, p. 185):

[...] a Geografia Humanista Cultural, enquanto ciência geográfica preocupada com o espaço vivido, fundamentada nos princípios fenomenológico-existencialistas, a fim de dar conta da existência humana e da experiência de mundo, torna possível o interrelacionamento com a Literatura que, em razão de sua linguagem simbólica, polifônica e plurissignificativa, é capaz de exprimir as diferentes representações da realidade geográfica.

Brosseau (2007) adverte que a perspectiva humanista não deve privilegiar a abordagem de temáticas sociológicas, cuja incidência na narrativa pode ser identificada e comentada secundariamente no estudo, mas não tratada como foco, pois alteraria a natureza do estudo para a perspectiva da geografia radical ou crítica, além de desmerecer o valor estético do texto literário, reduzindo-o a um discurso de outra natureza que não artística.

Do mesmo modo, Marandola Jr. e Oliveira (2009) ressaltam que a relação Geografia-Literatura consiste em aproximações entre conhecimentos de distintos campos, sendo um equívoco intencionar uma transposição de discursos. Dessa forma, o contato interdisciplinar que aqui se configura exige clara consciência acerca das especificidades de cada campo e que, sendo respeitadas, as áreas concordam na abordagem em complementaridade: “O que buscamos são as marcas que a arte imprime no espaço, como também as marcas que o espaço inscreve na arte”. (MARANDOLA JR., 2010, p.15)

A análise literária do espaço/lugar, pela perspectiva da fenomenologia, implica investigar os fenômenos inscritos nas vivências cotidianas dos indivíduos em seus espaços de vida/circulação representados na literatura. Esse é um dos caminhos de articulação entre o conteúdo teórico construído pela geografia e a visibilidade da subjetividade que a literatura oferece por meio da ficcionalização desses fenômenos, estabelecendo, assim, a relação entre o sujeito, o mundo e a palavra em uma perspectiva de confluência e de entrelaçamento.

Em referência a embricamentos entre os fenômenos geográficos e o texto literário, os geógrafos Marandola Jr. e Gratão, na obra *Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação* (2010, p. 11) ressaltam que

A Geografia é uma ciência moderna, concebida, sistematizada e institucionalizada na modernidade [...] (com) raízes firmadas há milênios na experiência humana do espaço [...]. Se um núcleo duro de sua ciência busca no discurso metódico e no rigor acadêmico sua legitimidade, há uma ampla fronteira interdisciplinar em que os limites são nebulosos e as regras do jogo mais flexíveis. [...] ali se encontram Geografia e Literatura, buscando assunto para conversar.

As pesquisas aqui abordadas constituem-se, portanto, em oportunidades para que esse interessante diálogo aconteça de forma a enriquecer ambas as áreas.

4 O GEPLIT E O DIÁLOGO ENTRE A LITERATURA E A GEOGRAFIA

O mais remoto deserto, a mais impenetrável floresta foram sendo povoados com os nossos fantasmas. E hoje todos os lugares começam por ser nomes, lendas, mitos, narrativas. Não existe geografia que nos seja exterior. Os lugares – por mais que

nos sejam desconhecidos – já nos chegam vestidos com as nossas projeções imaginárias. O mundo já não vive fora de um mapa, não vive fora da nossa cartografia interior. (Mia Couto - Interinvenções)

No Brasil, há mais de uma década, a pesquisa interdisciplinar entre a Literatura e a Geografia Humanista e a Geografia Cultural tem sido uma construção constante em grupos de pesquisa, como o “Estudos de paisagem nas literaturas de língua portuguesa”, da Universidade Federal Fluminense (UFF) e o GEPLIT da UFMA. No âmbito desses grupos, os pressupostos filosóficos e geográficos têm sido suscitados para a complementação da análise do texto literário.

Criado em 2006, o GEPLIT⁵ encontra-se vinculado ao Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão e ao Grupo de Estudos de Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa (coordenado pela Profa. Dra. Ida Alves), da Universidade Federal Fluminense, sendo coordenado pela Profa. Dra. Márcia Manir Miguel Feitosa, co-líder do Grupo liderado pela Profa. Dra. Ida Alves.

O GEPLIT é formado por alunos de graduação, bolsistas PIBIC/CNPq, mestrandos em Letras e de outros cursos afins, como o Mestrado Acadêmico Interdisciplinar em Cultura e Sociedade, da UFMA, além de doutorandos de programas de outras instituições, como a UNICAMP, a USP, a UnB, a UFF e a UFPR. Observa-se que a multiplicidade de pontos de vista e perspectivas de discussão no grupo também é enriquecida pelo fato de seus integrantes serem oriundos de áreas diversas, como Letras, Letras-Libras, Geografia, Filosofia, Turismo e Estudos Culturais.

Os membros atuais são, em sua maioria, docentes que atuam no ensino médio, mas há os que atuam na educação em nível superior e na pós-graduação, na UFMA e em outras instituições. Nas reuniões semanais, ocorrem sessões de estudo acerca de leituras previamente selecionadas, com vistas não só ao aprimoramento dos conteúdos vinculados à interface Literatura e Geografia, mas também à realização de atividades de pesquisa e produção acadêmica para publicação e apresentação em eventos científicos.

As pesquisas vinculadas a esse grupo contemplam tanto a literatura brasileira e a maranhense em especial, quanto as literaturas portuguesa e africana de língua portuguesa na sua expressão poética e em prosa, não se restringindo a um período nem a enquadramentos de movimentos literários específicos, uma vez que tais estudos são suscitados pela construção textual, seja no nível estético, seja no plano do conteúdo. Como advertem Alves e Feitosa (2010, p.8), é fundamental ao estudioso de literatura não realizar “a mera aplicação dos textos literários a esquemas e estruturas explicativas, mas da problematização contínua [...]”, o que possibilita a esses estudos “revelar leituras críticas do mundo, da linguagem e dos sujeitos”. Tal perspectiva implica investigar analiticamente os recursos linguísticos empregados por meio dos quais esse conteúdo vem inscrito, explícita e implicitamente, na tessitura textual.

Em 2016, por ocasião do *I Colóquio do Grupo de Pesquisa de Paisagem em Literatura*, evento comemorativo pelos dez anos de criação do GEPLIT, reconheceu-se a relevância da atuação do grupo quanto à ampliação da ação do Departamento de Letras junto à comunidade acadêmica e à sociedade em geral, pela produção de novos estudos literários e promoção de pesquisas em torno da interdisciplinaridade entre arte e ciência.

Para o geógrafo humanista Yi-Fu Tuan (1978, p.195 *apud* OLIVEIRA; MARANDOLA, 2010, p.132), há três tendências de articulação entre Geografia e Literatura: a primeira refere-se à elaboração do texto geográfico que “pode conter qualidades literárias”; a segunda usa o texto literário como “uma fonte para a análise geográfica” e a terceira reconhece que “a literatura pode encerrar em seu texto uma perspectiva para as pessoas vivenciarem suas visões de mundo sendo um referencial para a percepção e cognição do meio ambiente”.

⁵ Informações detalhadas sobre o GEPLIT encontram-se disponíveis no endereço <<http://geplitma.blogspot.com/p/blog-page.html/>>.

Nessa perspectiva, por considerar que o texto literário pode expressar a condição humana e sua existência, a abordagem interdisciplinar desenvolvida nesses estudos encontra-se expressa na terceira tendência apontada por Tuan e ao que Feitosa (2016) identifica como sendo uma abordagem contemporânea.

A configuração analítica que norteia os estudos críticos do GEPLIT acerca do espaço na literatura é que são pesquisas bibliográficas de natureza qualitativa. A interpretação é um fator fundamental no processo de leituras analíticas das fontes consultadas e das obras literárias focalizadas em separado ou em estudos de literatura comparada.

Um teórico da geografia que tem sido central nos estudos geoplitanos é o geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan (1930), um dos pioneiros na organização da Geografia Humanista ao lado do canadense Edward Relph (1944) e da irlandesa Anne Buttimer (1938-2017). Na obra *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência* (1977; 2013), Tuan emprega uma ampla base interdisciplinar para expor análises de temas que vão delineando o espaço e o lugar em relação à experiência humana, a qual, segundo o autor, é o “termo-chave” do livro, assim como tem sido dos estudos do GEPLIT.

Nesse contexto, espaço e lugar são categorias espaciais intimamente ligadas de forma que uma dá sentido à outra, em uma relação intermediada pelo corpo e mente humanos, unidos na elaboração das experiências. O ser humano experiencia o espaço e, à medida que essas vivências vão se desenvolvendo, valores vão sendo atribuídos e o lugar se constitui. Tem-se que espaço é abstrato e lugar é concreto: “O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”. (TUAN, 2013, p.14).

Trata-se de uma perspectiva experiencial: o valor é gerado pela experiência. Objetos e lugares são dotados de valor pela experiência, na qual estão implicados os aspectos captados pelos sentidos e produzidos pela mente ativa e reflexiva:

Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Essas maneiras variam desde sentidos mais diretos e passivos com o olfato, paladar e tato, até a percepção ativa e a maneira indireta de simbolização. (2013, p.17)

O geógrafo Edward Relph, no trabalho intitulado “Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de Lugar” (2014), apresenta os principais aspectos acerca dessa categoria:

Lugar é onde conflui a experiência cotidiana, e como essa experiência se abre para o mundo. O ser é sempre articulado por meio de lugares específicos, ainda que tenha sempre que se estender para além deles para compreender o que significa existir no mundo. (RELPH, 2014, p.29)

Esse estudioso associa a definição do lugar à capacidade de reunião de significados decorrentes de experiências, a qual denomina lugaridade. Esse é, para o teórico, o aspecto central desse fenômeno, de tal forma que, sem essa característica, o lugar não existe. Assim, lugaridade é a qualidade inerente ao lugar e se constitui pela combinação dos aspectos, como autenticidade, encontro, sentido de lugar, o espírito do lugar.

Com base na lugaridade, Relph reconhece a ocorrência de lugares-sem-lugaridade e do fenômeno do não-lugar, de forma que se tem uma oposição extrema entre os considerados lugares autênticos, que são de intensa lugaridade, e os não-lugares, os que não possuem qualquer lugaridade. Nos considerados não-lugares, as pessoas transitam com finalidades estritamente comerciais e transitórias, como supermercados, estacionamentos, aeroportos etc. No entanto, como são fenômenos ligados às vivências e à percepção das pessoas, para aqueles que trabalham nesses lugares, por exemplo, as relações de lugaridade podem ser outras devido às implicações emocionais e

intersubjetivas que os ligam a esses locais. Essas ideias são o ponto central da obra *Place and placelessness* (1976). A respeito dessas categorias, o autor explica que

sempre que capacidade do lugar de promover a reunião é fraca ou inexistente temos não-lugares ou lugares-sem-lugaridade. Essas ideias são importantes porque permitem entender lugar pela ausência, tanto quanto pela presença. [...] Ambientes padronizados (supermercados, fast foods, aeroportos são não-lugar. Entretanto, a oposição entre lugar e lugares-sem-lugaridade não é simples oposição binária [...] “A identidade de uma parte não é ser lugar nem ausência de lugaridade, mas expressão do equilíbrio entre particularidade e uniformidade. (RELPH, 2014, p.25).

A categoria “lar” pode ser entendida como o lugar onde se encontram as raízes da existência de uma pessoa. Relph esclarece que sua interpretação de “lar” se ampliou frente às considerações de Jeff Malpas com base no pensamento de Heidegger, de forma que as concepções de “ser” e de “lugar”, para esses estudiosos, estão fundamentalmente ligadas:

Lar, argumenta Malpas, refere-se à particularidade e à conectividade com a qual sempre experienciamos o mundo.” [...] Lar não se refere às nossas raízes e onde crescemos, mas tem a ver com a proximidade do ser. Ser é a existência de todas as coisas. [...] a proximidade do ser significa a consciência de abertura, totalidade e conectividade do mundo. Nesse sentido ontológico, o lar aparece por meio de lugares específicos, ainda que também os transcenda. Está associado frequentemente ao lugar onde vivemos e crescemos, mas pode ser qualquer parte desde que esteja enraizado num lugar simultaneamente especial, familiar e significativo, levando em conta a diferenciação e a integralidade do ser no mundo. (RELPH, 2014, p.29).

Assim como a concepção de experiência, espaço e lugar, outras categoriais primordiais com as quais a geografia contribui para a leitura literária são as ideias de geograficidade, paisagem e topofilia. Como as duas primeiras foram abordadas anteriormente neste artigo, convém apresentar a topofilia.

Tuan (2012) emprega essa denominação para nomear todos os laços afetivos de identificação e amor por um lugar. Esclarece, ainda, que o sentimento topofílico não é a mais forte emoção humana, salvo quando “o lugar ou o ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como símbolo” (Idem, p.136). O vocábulo é um neologismo criado pelo filósofo Gaston Bachelard em sua obra *A poética do espaço* (2008), como definição de estudo dos espaços amados, felizes. Com base na consolidação dessa acepção nos estudos da Geografia Humanista, convencionou-se chamar de “topofobia” a intensa aversão a um lugar e, dessa forma, pode-se considerar que “conhecer um lugar é desenvolver um sentimento topofílico ou topofóbico” (OLIVEIRA, 2014, p.12).

A partir das categorias centrais brevemente apresentadas, desdobram-se muitas outras que se referem a experiências espaciais teorizadas no vasto campo dos estudos geográficos humanistas e culturais e que oportunamente são convidadas ao diálogo com os estudos literários de paisagem no GEPLIT.

As atividades do grupo primam por uma prática acadêmica que não anula a disciplinaridade, mas aproveita suas contribuições na organização de interfaces que favoreçam/permitam outras perspectivas de análise do texto literário, o que tem se configurado numa importante contribuição para a pesquisa na formação acadêmica, assim como para a docência, tanto inicial quanto em nível de aperfeiçoamento. Jouve (2012, p.163), ao tratar do valor e legitimidade de se estudar literatura, evidencia que o estudo literário enriquece a existência humana

[...]Ao abrir o campo dos possíveis, lembrando como as coisas poderiam ser diferentes daquilo que são [...] Comentar é atualizar as relações entre a obra e os componentes do universo cultural, no duplo plano sincrônico (o texto é portador de saberes que

estruturam nossas representações) e diacrônico (o texto se inscreve em um legado, que ele transmite e reavalia).

Assim, embora a formação docente não seja o foco central do grupo, o fato de seus membros serem professores ou que estejam em processo de formação, ela é favorecida no tocante a diversos aspectos implicados nas atividades desenvolvidas pelo grupo, tais como: a ampliação do repertório teórico e das visões de mundo, aguçamento do espírito crítico por meio de leituras e discussão de textos de diferentes áreas voltados ao espaço literário e temas afins; familiarização acerca de procedimentos metodológicos de organização e operacionalização de pesquisa e análises bibliográficas, sobretudo por meio da metodologia da fenomenologia hermenêutica; exercício da produção escrita de gêneros variados, como resumos, artigos, resenhas, ensaios, traduções e, ainda, aprendizagens do âmbito atitudinal, como práticas de expressão oral e fortalecimento de aspectos subjetivos - a autoestima, a autoconfiança, o exercício do trabalho coletivo, a desinibição nas relações interpessoais, entre outros.

Assim, as vivências no GEPLIT se mostram em consonância com o previsto no Projeto Político-Pedagógico do curso de Letras Português/Inglês - Licenciatura da UFMA, no tocante ao perfil dos profissionais que o curso visa formar:

[...] profissionais interculturalmente competentes, capazes de lidar, de forma crítica, com as linguagens mediante os seguintes aspectos:

[...]

c) ser capaz de refletir analítica e criticamente sobre a linguagem como fenômeno linguístico-literário, à luz de diferentes teorias.

d) estar apto a promover a articulação intrínseca entre o ensino, a pesquisa e a extensão, de modo a compreender sua formação profissional como um processo contínuo, autônomo e permanente.

e) ser capaz de atuar no campo da interdisciplinaridade, promovendo diálogo constante entre áreas afins, não perdendo de vista o compromisso indispensável com a ética, com a responsabilidade social e educacional.

Para isso, o graduado do Curso de Letras Português/Inglês deve se fundamentar num referencial teórico-prático [...] de forma eficiente e eficaz, favorecendo, assim, a prática da reflexão crítica sobre temas e questões relativos aos conhecimentos linguísticos e literários, à luz de diferentes teorias. (UFMA, 2017, p.12)

A interdisciplinaridade na pesquisa e suas contribuições para a formação docente vivenciadas no GEPLIT possuem respaldo também na legislação nacional oficial, como na Resolução nº 02, de 1º de julho de 2015, do Conselho Nacional de Educação, que define as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada*, que, ao elencar os princípios que devem nortear a base comum nacional para a formação inicial e continuada, cita: “a) sólida formação teórica e interdisciplinar; b) unidade teoria-prática; c) trabalho coletivo e interdisciplinar [...]”. (BRASIL, 2015, p.2-3).

Entretanto, convém ressaltar que estudos interdisciplinares entre Literatura e Geografia ainda constituem um desafio, haja vista a pouca aceitação da comunidade acadêmica que vê com bons olhos sobretudo o diálogo da Literatura com a Psicologia, com a História, com a Filosofia e com outras Artes, o que reforça a pertinência e a atualidade desse artigo.

5 LEVANTAMENTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA DO GEPLIT (2006-2018)

A literatura, pela liberdade que a funda, exprime conteúdos diversos, essenciais e secundários, evidentes e problemáticos, coerentes e contraditórios, [...], textos estranhos e atípicos nos mostram (ou nos lembram) que o ser humano continua sendo um universo com vasta extensão a explorar (JOUVE, 2012).

Considerando que o GEPLIT se configura um grupo de atividade permanente na pesquisa, voltada aos estudos literários que promovem a interdisciplinaridade entre arte e ciência, neste item, apresenta-se um demonstrativo da produção acadêmica do grupo no período de 2006 a 2018, que compreende o ano de sua criação até a atualidade. Ressalta-se que não foram elencadas informações referentes à participação em eventos e publicações em anais devido à extensão dessa listagem ser desproporcional à extensão do artigo, no entanto considera-se que as informações que serão apresentadas ilustram o perfil produtor do grupo.

As informações foram coletadas em um levantamento realizado nas bases de dados da Plataforma Lattes do CNPq, acessando o Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil⁶, o currículo lattes da coordenadora do grupo⁷, assim como dissertações disponíveis na base da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações⁸ (BDTD), perfazendo um total de:

- Projetos desenvolvidos no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC): 08(oito) - (Quadro 01);
- Artigos publicados em periódicos com *Qualis*: 20(vinte) - (Quadro 02);
- Capítulos de livros: 12(doze) - (Quadro 03);
- Monografias de conclusão de curso: 11(onze) - (Quadro 04);
- Dissertações de mestrado – PGCult e PGLetras: 07(sete) - (Quadro 05);
- 2010 - Organização do livro **Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos**, em parceria com a Profa. Ida Ferreira Alves, da Universidade Federal Fluminense. O livro já se encontra em sua segunda edição, publicada em 2013.
- 2018 - Produção em formato digital - Largo do Desterro, de Josué Montello. **São Luís do Maranhão sob a lente de Josué Montello: lugar, exílio, memória**. Verbete publicado no site Páginas em movimento⁹. Elaborado em parceria com Vanessa Soeiro Carneiro.

Quadro 01 - PROJETOS DE PESQUISA (PIBIC)

1. 2006-2008 – Literatura e Paisagem: um estudo do romance moderno e contemporâneo de expressão portuguesa à luz percepção ambiental – bolsista CNPq – Juliana Morais Belo
2. 2008-2009 – A teoria da percepção da paisagem: um estudo do conto moderno e contemporâneo de expressão portuguesa à luz da ciência geográfica e da literatura – bolsistas CNPq – Rafaella Gomes Monteiro e Mayla Trindade Diniz
3. 2009-2011 – Paisagem e escrita poética: análise crítica da poesia moderna e contemporânea de expressão portuguesa à luz da teoria da percepção do espaço – bolsistas CNPq Renata Ribeiro Lima e Amanda Pestana Pereira
4. 2011-2013 - A experiência do exílio na literatura contemporânea de língua portuguesa: a perspectiva do sujeito no espaço e na memória – bolsista CNPq Alessandra Barnabé Ferreira dos Santos e bolsista voluntária Vanessa Soeiro Carneiro
5. 2013-2014 - Espaço e memória em cena: um olhar sobre a ficção moderna e contemporânea de língua portuguesa de autoria feminina – bolsista CNPq Sophia Gaspar Leite e bolsista FAPEMA José de Mota de Souza

⁶ O Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil constitui-se no inventário dos grupos de pesquisa científica e tecnológica em atividade no País. Endereço para acessar este espelho: <dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1229915800695939>.

⁷ Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0938601542329006>.

⁸ A Biblioteca Digital de Teses e Dissertações reúne, em um único portal de busca, as teses e dissertações defendidas nas instituições brasileiras de ensino e pesquisa e por brasileiros no exterior. Endereço para acesso: <https://tede.bcc.ufma.br/jsui/>

⁹ Endereço para acesso: <http://www.paginasmovimento.com.br/>

6. 2015-2017 - A Literatura Portuguesa e a Hispano-Americana em interlocução: um estudo da geograficidade em contos de Mário de Carvalho e Jorge Luís Borges – bolsistas CNPq Ana Cláudia Durans Diniz e Milena Cristina Silva Portela
7. 2017-2018 - Trilhas pelos lugares do sagrado: um estudo do espaço e da religiosidade na literatura portuguesa contemporânea – bolsistas CNPq Renata França Pereira e Sâmia Rafaela Sales Rodrigues
8. 2018-2019 - Trilhas pelos lugares do sagrado: um estudo do espaço e da religiosidade na literatura portuguesa contemporânea (continuação) – bolsistas CNPq Natasha Castro de Souza e Adrienne Gonçalves Carvalho.

Quadro 02 – ARTIGOS PUBLICADOS EM PERIÓDICOS COM QUALIS

1. 2007 - O espaço da imaginação ou a imaginação do espaço em Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra, de Mia Couto – Revista Labirintos (UEFS)
2. 2009 - Percepção da paisagem: a simbologia presente em Lygia Fagundes Telles, em co-autoria com Rafaella Gomes Monteiro – Revista Cadernos de Pesquisa (UFMA)
3. 2009 - Miguel Torga e a natureza do sentimento: uma leitura da paisagem em “A Maria Lionça” – Revista Abril (NEPA/UFF)
4. 2010 - Os lugares de Sophia de Mello Breyner Andresen, em co-autoria com Renata Ribeiro Lima – Revista Cadernos de Pesquisa (UFMA)
5. 2010 – “O rastro do teu sangue na neve”: o processo de percepção de si pela experiência, em co-autoria com Cláudia Letícia Gonçalves Moraes – Revista Cadernos de Pesquisa (UFMA)
6. 2011 - A percepção do espaço em João Cabral de Melo Neto: uma leitura da experiência em “O cão sem plumas”, em co-autoria com Amanda Pestana Pereira – Revista Cadernos de Pesquisa (UFMA)
7. 2012 - O entrelaçamento de fios entre a Geografia e a Literatura: a construção de um saber múltiplo, em co-autoria com Cláudia Letícia Gonçalves Moraes e Janete de Jesus Serra Costa – Revista NUPEM (Campo Mourão – PR)
8. 2012 - Espaço e lugar na literatura infanto-juvenil brasileira: uma leitura da paisagem em O Rio e eu, de Lygia Bojunga Nunes, em co-autoria com Janete de Jesus Serra Costa – Revista Cadernos de Pesquisa (UFMA)
9. 2013 - Paisagem e opressão em Seara de vento: uma leitura do aprendizado da experiência – Revista Estudos Portugueses
10. 2013 – “Os mortos estão voltando...”: o sentimento de lugar e a perspectiva da experiência em “A história dos aparecidos”, de Mia Couto – Revista Geograficidade
11. 2013 - Os lugares da alma: espacialidade, filosofia e estilística em “Lá, nas campinas”, de Guimarães Rosa, em co-autoria com Flaviano Menezes da Costa, Adeilson de Abreu Marques e Narjara Mendes Silva – Revista Letras em Revista (UESPI)
12. 2013 - Espaço e memória: Poema sujo à luz da percepção da paisagem, em co-autoria com Alessandro Barnabé Ferreira dos Santos – Revista Cadernos de Pesquisa (UFMA)
13. 2013 - A vivência do exílio em Ferreira Gullar e Miguel Torga: um olhar sobre a paisagem da memória – Revista Convergência Lusíada
14. 2013 - A paisagem cultural em João Cabral de Melo Neto: as vivências do Capibaribe, em co-autoria com Renata Ribeiro Lima – Revista Linha d'Água
15. 2014 - Pausa e movimento em Dois irmãos: uma leitura da percepção da espacialidade em Milton Hatoum, em co-autoria com Samara Santos Araújo e Milena Coelho Lima – Revista Ipotesi (UFJF)
16. 2015 - O centro do mundo e o mundo lá fora: uma reflexão crítica sobre “O Largo”, de Manuel da Fonseca, em co-autoria com Igor Fernando de Jesus Nascimento – Revista Convergência Lusíada
17. 2015 – “O caçador”, de Rinaldo de Fernandes: o viver o jogo e a experiência urbana da ocupação – Revista de Letras (UFC)
18. 2016 - O fenômeno da espacialidade no Modernismo português: a dimensão da experiência na prosa de Almada Negreiros – Revista Contexto (UFES)
19. 2017 - Espaço, lugar e virtude em A Nova Heloísa de Rousseau: Júlia e a paisagem de Clarens, em co-autoria com Lussandra Barbosa de Carvalho e Luciano da Silva Façanha – Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS)

- | |
|--|
| 20. 2018 - O lugar líquido: a desmistificação da concepção de lar em "Vizinhas", de Teolinda Gersão, em co-autoria com Rosângela Guedêlha da Silva – Revista Contexto (UFES) |
|--|

Quadro 03 - CAPÍTULOS DE LIVROS

1. 2010 – A percepção da paisagem na literatura africana de língua portuguesa: o romance Terra sonâmbula, de Mia Couto, publicado no livro Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos.
2. 2012 – Sophia e a poética do mar em Portugal, publicado no livro Literatura e paisagem em diálogo, organizado por Ida Alves, Carmem Negreiros e Masé Lemos.
3. 2012 - O sentimento de topofilia em Manuel da Fonseca: uma análise da percepção da paisagem, publicado no livro Avanços em Literatura e Cultura Portuguesas – Século XX, organizado por Petar Petrov; Pedro Quintino de Sousa; Roberto Lopes-Iglésias Samartin; Elias J. Torres Feijó
4. 2012 - A expressão do lugar em Sophia de Mello Breyner Andresen: a poética do mar em Portugal, publicado no livro Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia, organizado por Werther Holzer, Eduardo Marandola Jr.e Livia de Oliveira.
5. 2014 - Narrativas em redemoinho: a memória do espaço ou o espaço da memória em Natércia Campos e Teolinda Gersão, publicado no livro Estudos de paisagem: literatura, viagens e turismo cultural - Brasil, França, Portugal, organizado por Ida Alves, Carmem Negreiros e Masé Lemos.
6. 2015 - Relação homem e paisagem em Vidas secas, na literatura e no cinema, em co-autoria com Luís Oliveira Freitas, publicado no livro Literatura e outros saberes: linguagem, identidade e discurso, organizado por Naiara Sales Araujo.
7. 2016 - Diálogos fronteiriços: uma leitura de Mário de Carvalho à luz da Geografia Humanista Cultural, publicado no livro Diálogos (transfronteiriços: patrimônios, territórios, culturas), organizado por Rui Jacinto; Valentin Cabero Diéguez.
8. 2016 - As lágrimas vertidas da opressão: uma análise da espacialidade em O Palácio das Lágrimas, de Clodoaldo Freitas, publicado no livro O século XX e a literatura maranhense: reflexões sobre a narrativa em prosa, organizado por José Neres e Dino Cavalcante.
9. 2016 - Apego e resistência em Os flagelados do vento leste: reflexão à luz da geograficidade e da identidade, em co-autoria com Luís Oliveira Freitas, publicado no livro Identidade: determinações e ressonâncias da pesquisa em linguagem e sociedade, organizado por Marize Aranha; Naiara Araujo; Sônia Almeida.
10. 2016 – "A imensidade imensa do mar imenso": uma abordagem fenomenológico-existencial da espacialidade na "Ode Marítima", de Álvaro de Campos, publicado no livro 100 Orpheu, organizado por Dionísio Vila-Maior e Annabela Rita.
11. 2017 - Diário de viagem e a escrita dos lugares: as impressões/reflexões de Agustina Bessa-Luís em Breviário do Brasil, publicado no livro Literatura, viagens e turismo cultural no Brasil, em França e em Portugal, organizado por Maria Alexandre Lousada; Vítor Ambrósio.
12. 2017 - A experiência do exílio em Pepetela: uma leitura das representações dos lugares de pertencimento em O planalto e a estepe, publicado no livro Coleção Iberografias - Outras fronteiras, novas geografias: intercâmbios e diálogos territoriais, coordenado por Rui Jacinto.

Quadro 04 - MONOGRAFIAS DE CONCLUSÃO DE CURSO

1. 2009 - O cortiço: uma leitura do espaço à luz da teoria da percepção da paisagem, de Maria Deidla da Silva Moraes.
2. 2009 - A paisagem da memória em Terra sonâmbula, de Mia Couto, de Juliana Morais Belo.
3. 2011 - O conto da ilha desconhecida: a percepção da paisagem em José Saramago, de Mayla Trindade Diniz.
4. 2011 – "Natal na barca" e "Venha ver o por-do-sol": a percepção da paisagem em Lygia Fagundes Telles, de Rafaella Gomes Monteiro.
5. 2012 - O Cancioneiro de Fernando Pessoa: uma leitura dos elementos água e ar à luz da teoria da percepção do espaço, de Renata Ribeiro Lima.
6. 2013 - A poética de Sophia de Mello Breyner Andresen e a paisagem: uma experiência afetiva pelo lugar, de Amanda Pestana Pereira.
7. 2014 - O espaço e as diferentes concepções de lugar em A Bela e a Fera e em Ondina, de Vanessa Soeiro Carneiro.

8. 2014 - Figurações da terra natal na poesia de exílio de Jorge de Sena, de Alessandra Barnabé Ferreira Santos.
9. 2017 - O espaço mítico e a paisagem: reverberações da Geografia Humanista Cultural em Borges, de Ana Cláudia Durans
10. 2017 - A geograficidade do mar na poética de Cecília Meireles, de José de Mota de Souza.
11. 2018 - As configurações do espaço na obra A cidade sitiada, de Clarice Lispector, de Andréia Mendonça Menegundes

Quadro 05 - DISSERTAÇÕES DE MESTRADO – PGCult e PGLetras

1. 2012 - O lugar da literatura: um estudo sobre identidade, espaço e ficcionalidade em três romances de Mia Couto, de Cláudia Letícia Gonçalves Moraes.
2. 2012 - Espaço e identidade: a percepção da paisagem na produção literária de José Saramago, de Flávia Alexandra Pereira Pinto.
3. 2012 - Era uma vez um lugar...: estudo da representação da espacialidade na literatura infanto-juvenil clássica e contemporânea, de Janete de Jesus Serra Costa.
4. 2014 - Moradas da memória: o valor patrimonial dos lugares privados da antiga São Luís sob o olhar da literatura, da toponímia e da Geografia Humanista Cultural, de Flaviano Menezes da Costa.
5. 2015 - A geograficidade em Cem anos de solidão: um estudo do espaço maravilhoso em Gabriel García Márquez, de Milena Coelho Lima.
6. 2017 - Paratextualidade, cultura em A Nova Heloísa de Rousseau: literatura, imagem e geograficidade, de Lussandra Barbosa de Carvalho.
7. 2017 - Figurações da paisagem: a percepção da geograficidade em Vidas secas e Os flagelados do vento leste, de Luis Oliveira Freitas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais que uma tendência, a pesquisa de abordagem interdisciplinar é uma resposta ao apelo frente à necessidade de inserção da complexidade humana e da natureza aos estudos acadêmicos. Nessa proposta, o pesquisador pode se valer das trocas e parecerias decorrentes das intersecções entre as distintas áreas e campos de estudo. Nesse contexto, encontram-se os estudos de paisagem como uma oportunidade de realização dessa convergência a partir de pesquisas analíticas voltadas ao espaço literário quando esse se mostra uma paisagem existencial. Essa é uma perspectiva fenomenológica existencialista constituída pelas aproximações entre o campo literário e o da Geografia Humanista Cultural para que, complementarmente, leiam a paisagem como um elemento entrelaçado à subjetividade da experiência humana enquanto ser-no-mundo.

Como visto, as práticas de estudo de paisagem desenvolvidas pelos integrantes do Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura (GEPLIT), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), articulam-se ao previsto na legislação oficial acerca do ensino superior no Brasil e, mais especificamente, na proposta do curso de Letras da instituição a que o grupo se vincula diretamente, a UFMA.

O levantamento da produção acadêmica do GEPLIT no período de 2006 a 2018 permitiu constatar que, desde a sua criação em 2006, esse grupo tem apresentado uma produção profícua e constante, o que é um fator de relevância para a UFMA em sentido local, porém não deixando de ser também uma contribuição para a produção nacional, pois são ações de estudo, pesquisa e produção intelectual que ampliam o repertório teórico. Possuem, ainda, caráter formativo e servem de incentivo para seus membros, no tocante à produção e à progressão nos estudos, ao aperfeiçoamento profissional

docente com vistas, inclusive, ao fortalecimento de aspectos subjetivos, como confiança e autoestima.

Assim, com base no exposto, pode-se afirmar que a discussão teórica e a prática vivenciada na realização da pesquisa interdisciplinar operacionalizada nos estudos de paisagem pelo GEPLIT viabilizam leituras críticas do mundo, da linguagem e dos sujeitos, configurando-se como uma possibilidade de ampliação da perspectiva analítica de textos literários ao fomentar leituras a partir da constituição estética das obras, em articulação com as experiências humanas de espaço e lugar, o que, por sua vez, representa enriquecimento da formação acadêmica dos estudiosos e uma significativa contribuição para sua atuação como pesquisadores e como docentes. Trata-se de uma vivência que extrapola o científico, ao se constituir não só numa experiência teórica e acadêmica, mas também funcional e existencial.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ida. FEITOSA, Márcia Manir Miguel (orgs.). **Literatura e Paisagem: perspectiva e diálogos**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. A pesquisa interdisciplinar: uma possibilidade de construção do trabalho científico/acadêmico *In: Educação Matemática Pesquisa: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática*, [S.l.], v. 10, n. 1, jan. 2009. ISSN 1983-3156. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/emp/article/view/1647>>. Acesso em dez. de 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Diretoria de Avaliação. **Relatório de Avaliação Interdisciplinar**. Avaliação Quadrienal 2017. Disponível em: <<https://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/relatorios-finais-quadrienal-2017/20122017-INTERDISCIPLINAR-quadrienal.pdf>> Acesso em dez. de 2017.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada**. Resolução CNE/CP n. 02/2015, de 1º de julho de 2015. Brasília, Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, seção 1, n. 124, p. 8-12, 02 de julho de 2015. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=02/07/2015&jornal=1&pagina=8&totalArquivos=72>. Acesso em jul. de 2018.

BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. Tradução Márcia Trigueiro. In: CORRÊA, Roberto L. e ROSENDAHL, Zeny (Org.) **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2007, p.17-78.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Tradução: Sandra Mallmann da Rosa. 2.ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. Tradução: Waltensir Dutra. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade-transdisciplinaridade: Visões culturais e epistemológicas In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.) **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez Editora, 2008, p. 113-124, p. 17-28.

_____. **Ivani. Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa.** 11. ed. Campinas: Papirus, 1994.

FEITOSA, Márcia Manir Miguel. Diálogos fronteiriços: uma leitura de Mário de Carvalho à luz da Geografia Humanista Cultural. In: VALENTÍN, Rui Jacinto; DIÉGUEZ, Cabero. Orgs. **Diálogos (Trans)fronteiriços: patrimónios, Territórios, Culturas.** Lisboa: Âncora Editora, 2016, p. 297-310. (Coleção Iberografias, v.31)

_____. Márcia Manir Miguel; MORAES, Cláudia Letícia Gonçalves; COSTA, Janete de Jesus Serra. O entrelaçamento de fios entre a Geografia e a Literatura: a construção de um saber múltiplo. In: **Revista NUPEM.** Campo Mourão, v. 4, n. 6, jan./jul. 2012. Disponível em: <<http://www.fecilcam.br/revista/index.php/nupem/article/viewFile/222/170>>. Acesso em abr. de 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa.** 6. ed. - São Paulo: Atlas, 1999.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo.** 2.ed. Tradução revisada de Márcia Sá Cavalcante Schuback. São Paulo: Vozes, 2006.

HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista: sua trajetória 1950-1990.** Londrina: EDUEL, 2016.

JOUBE, Vicent. **Por que estudar literatura?** Tradução Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

MARANDOLA JR, Eduardo. GRATÃO, Lúcia Helena Batista (orgs). **Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação.** Londrina: EDUEL, 2010.

_____, Eduardo. OLIVEIRA, Lívia de. Geograficidade e Espacialidade na Literatura. **Revista Geografia**, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/4795>> Acesso em jan. de 2017.

_____, Eduardo. Humanismo e a abordagem cultural em Geografia. **Revista Geografia.** Rio Claro, v. 30, n. 3, p. 393-419, set./dez. 2005. Disponível em: < <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/611>> Acesso em set. de 2017.

MIRANDA, Raquel Gianolla. Da interdisciplinaridade. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.) **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez Editora, 2008, p.113-124.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência.** Tradução Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. - Ed. revista e modificada pelo autor – 8ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

NEGREIROS, Carmem; LEMOS, Masé; ALVES, Ida. **Literatura e Paisagem em diálogo.** Rio de Janeiro: Edições Makunaíma, 2012.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. Interdisciplinaridade: Um novo olhar sobre as ciências In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.) **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez Editora, 2008, p.65-84.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a Emergência, Aspectos e Essências de Lugar. In: MARRANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther, OLIVEIRA, Lívia de (orgs). **Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 17-32.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução Lívia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2013.

_____, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução Lívia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2012.

UFMA. **Projeto Político-Pedagógico do curso de Letras Português/Inglês - Licenciatura da Universidade Federal do Maranhão**, 2017, pdf.